

**A RELAÇÃO ENTRE SUPORTE FAMILIAR E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO DE
CUIDADORES DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

THE RELATIONSHIP BETWEEN FAMILY SUPPORT AND PSYCHOLOGICAL WELL-BEING OF CAREGIVERS OF PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

**LA RELACIÓN ENTRE EL APOYO FAMILIAR Y EL BIENESTAR PSICOLÓGICO DE
LOS CUIDADORES DE PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-161>

Data de submissão: 16/09/2025

Data de publicação: 16/10/2025

Cynthia Santos Meireles

Mestre em Cuidado Primário em Saúde

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: cynthiameireles@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0661-1358>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9688477154778324>

Samuel Trezena Costa

Mestre em Cuidado Primário em Saúde

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: samueltrezena@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4217-1276>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3621737724861379>

Verônica Oliveira Dias

Doutora em Ciência da Saúde

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: veronica.dias@unimontes.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1989-7797>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4333360888371757>

Hercílio Martelli Júnior

Pós-doutor em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: hmjunior2000@yahoo.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9691-2802>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1524800505426143>

Daniella Reis Barbosa Martelli

Pós-doutor em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: daniellareismartelli@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7497-6052>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3189672002816520>

RESUMO

Este estudo analisou a relação entre suporte familiar autopercebido e níveis de depressão, ansiedade e estresse em pais de indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Foram realizadas análises descritivas e inferenciais, incluindo os testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para comparar os escores do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF). A correlação de Spearman avaliou a relação entre os escores do IPSF e a escala DASS-21, classificando a força da correlação como fraca ($<0,30$), moderada ($<0,50$) e alta ($>0,50$). Os resultados mostraram uma correlação inversa significativa entre o IPSF e o DASS-21: maior suporte familiar foi associado a menores níveis de ansiedade, depressão e estresse. A depressão teve a maior correlação negativa ($\rho = -0,340$; $p < 0,001$), sugerindo que cuidadores com maior apoio apresentam menos sintomas depressivos. Aspectos específicos do suporte, como consistência afetiva ($\rho = -0,301$; $p = 0,002$), adaptação familiar ($\rho = -0,312$; $p = 0,001$) e autonomia familiar ($\rho = -0,254$; $p < 0,001$), também demonstraram correlações significativas com sintomas psicológicos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Pais. Ansiedade. Depressão. Estresse Psicológico.

ABSTRACT

This study analyzed the relationship between self-perceived family support and levels of depression, anxiety, and stress in parents of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD). Descriptive and inferential analyses were performed, including Mann-Whitney and Kruskal-Wallis tests to compare scores from the Family Support Perception Inventory (FSPI). Spearman's correlation was used to assess the relationship between FSPI scores and the DASS-21 scale, classifying correlation strength as weak (<0.30), moderate (<0.50), or high (>0.50). The results showed a significant inverse correlation between FSPI and DASS-21: higher perceived family support was associated with lower levels of anxiety, depression, and stress. Depression had the strongest negative correlation ($\rho = -0.340$; $p < 0.001$), suggesting that caregivers with greater support experience fewer depressive symptoms. Specific aspects of support, such as affective consistency ($\rho = -0.301$; $p = 0.002$), family adaptation ($\rho = -0.312$; $p = 0.001$), and family autonomy ($\rho = -0.254$; $p < 0.001$), also showed significant correlations with psychological symptoms.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Parents. Anxiety. Depression. Psychological Stress.

RESUMEN

Este estudio analizó la relación entre el apoyo familiar autopercebido y los niveles de depresión, ansiedad y estrés en padres de individuos con Trastorno del Espectro Autista (TEA). Se realizaron análisis descriptivos e inferenciales, incluyendo las pruebas de Mann-Whitney y Kruskal-Wallis para comparar los puntajes del Inventario de Percepción de Apoyo Familiar (IPAF). La correlación de Spearman evaluó la relación entre los puntajes del IPAF y la escala DASS-21, clasificando la fuerza de la correlación como débil ($<0,30$), moderada ($<0,50$) y alta ($>0,50$). Los resultados mostraron una correlación inversa significativa entre el IPAF y el DASS-21: a mayor apoyo familiar, menores niveles de ansiedad, depresión y estrés. La depresión tuvo la correlación negativa más alta ($\rho = -0,340$; $p < 0,001$), sugiriendo que los cuidadores con mayor apoyo presentan menos síntomas depresivos. Factores específicos del apoyo, como la consistencia afectiva ($\rho = -0,301$; $p = 0,002$), la adaptación familiar ($\rho = -0,312$; $p = 0,001$) y la autonomía familiar ($\rho = -0,254$; $p < 0,001$), también mostraron correlaciones significativas con los síntomas psicológicos.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Padres. Ansiedad. Depresión. Estrés.

1 INTRODUÇÃO

A presença de uma pessoa com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser um dos fatores de aumento da "carga psicológica" na família, que manifesta em sintomas de ansiedade e estresse, especialmente quando há comorbidades, (Bozkurt, Uysal, & Düzkaya, 2019) como deficiências cognitivas ou transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) (Alnazly & Abojedi, 2019). O cuidado realizado repercute de forma direta na saúde psíquica dos cuidadores e influencia a afetividade e a qualidade das relações familiares (Tsuji & Takeuchi, 2021). Além disso, o diagnóstico de TEA exige que a família se adapte, fazendo ajustes nas rotinas e na autonomia familiar, o que pode impactar o bem-estar dos pais e levar a uma reconfiguração de papéis e prioridades, afetando o equilíbrio emocional dos familiares (Borelli et al., 2017; Perry & Davis, 2022).

Famílias enfrentam uma gama de desafios, incluindo problemas conjugais, (Chan & Leung, 2020) sobrecarga emocional, (Marsack-Topolewski & Church, 2019) medo do futuro do filho com TEA (Bujnowska et al., 2019) e dificuldades financeiras, (Alsuhaibani, 2019) todos os quais contribuem para o desgaste na saúde física e mental dos cuidadores. Cabe destacar que o estresse gerado pelos desafios que envolvem as questões financeiras e os problemas conjugais estão entre as principais fontes de preocupação para os cuidadores, com 78% dos pais relatando sinais de estresse crônico e problemas de saúde mental (Zaidman-Zait et al., 2022).

Um suporte familiar adequado é fundamental para diminuir dificuldades afetivas, promover a autonomia, melhorar a satisfação com a qualidade de vida e fortalecer o autoconceito do indivíduo (Wang, Wang, Chang, & Wang, 2022). Dessa forma, o ajuste dos papéis familiares e a qualidade do suporte oferecido são essenciais para a manutenção da saúde e a melhor adaptação da família, além de valorar os recursos intrafamiliares para promover o bem-estar e a saúde mental (Marsack-Topolewski & Church, 2019). Desse modo, o presente estudo tem como objetivo correlacionar o efeito do suporte familiar autopercebido com os níveis de depressão, ansiedade e estresse em pais de indivíduos com TEA.

2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caráter transversal, conduzido no período de 2018 a 2024. Cabe salientar que todo o estudo foi realizado conforme os princípios éticos da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

A amostragem foi por conveniência em três locais: Unidades de Saúde da Família (uSF) da Atenção Primária à Saúde (APS) e uma associação de apoio ao autista e familiares, todas no município

de Montes Claros, Minas Gerais- Brasil. Foram entrevistados pais e/ou responsáveis por indivíduos diagnosticados com TEA que estavam sendo acompanhados por, pelo menos, um dos três serviços de assistência voltados para pessoas com esse transtorno. Os critérios de inclusão foram: pais entre 18 e 60 anos de idade, de crianças ou adolescentes entre 3 e 17 anos. Foram excluídos pais e responsáveis de crianças que não tinham o diagnóstico definitivo de TEA.

Os dados foram coletados utilizando um questionário autoaplicável, assim o aplicador explicava como realizar o preenchimento do instrumento. As variáveis: sexo, cor/etnia autodeclarada, grau de formação, renda total da família e estado civil foram coletadas por meio de questionário sociodemográfico com questões fechadas, elaborada pelos autores. A presença de sinais de depressão, ansiedade, estresse e o suporte familiar autopercebido foram mensurados pelo Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21) e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF), respectivamente.

O DASS-21 é um questionário composto por três subescalas que avaliam diferentes dimensões emocionais. O questionário avalia os principais sintomas de ansiedade que incluem excitação fisiológica (como mãos suadas, tremores e aumento do batimento cardíaco), consciência subjetiva do afeto ansioso e tendências de fuga ou evitação. Os sintomas de depressão incluem baixo afeto positivo, desesperança, desvalorização da vida, depreciação e inércia. Os participantes indicam o grau em que experimentam cada um dos sintomas descritos nos itens durante a semana anterior, usando uma escala Likert de 4 pontos, variando de 0 (não se aplica a mim) a 3 (aplica-se muito a mim, ou a maior parte do tempo). A escala é composta por 21 itens divididos em três subescalas, cada uma com 7 itens. A pontuação de cada subescala é obtida somando os escores dos itens correspondentes, os escores finais precisam ser multiplicados por 2. Cada subescala possui faixas de pontuação que indicam os níveis de severidade: normal, leve, moderado, severo e extremamente severo. A depressão, os escores variam de 0–9 (normal) a 28+ (extremamente severo); para ansiedade, de 0–7 (normal) a 20+ (extremamente severo); e para estresse, de 0–14 (normal) a 34+ (extremamente severo) (Vignola & Tucci, 2014).

O IPSF, tem como objetivo avaliar o nível de suporte percebido por uma pessoa em sua família, tanto de forma geral quanto em três dimensões específicas: afetividade, adaptação e autonomia. O instrumento é composto por 42 afirmações, e as respostas são registradas em uma escala de três pontos, variando de 1 ponto para "quase nunca ou nunca," 2 pontos para "às vezes," e 3 pontos para "quase sempre ou sempre." Os escores resultantes são classificados em quatro categorias: baixo, médio-baixo, médio-alto e alto. A pontuação total, que varia de 0 a 84 pontos, indica diferentes níveis de suporte: uma pontuação entre 0 a 53 sugere baixo suporte, 54 a 63 médio-baixo suporte, enquanto uma pontuação entre 64 a 70 indica suporte médio-alto, e uma pontuação de 71 a 84 reflete um alto suporte familiar. A subescala Afetivo-Consistente com 21 questões, avalia a expressão de afetividade entre os

membros da família, tanto verbal quanto não verbal, incluindo aspectos como interesse, proximidade, acolhimento, comunicação, empatia, consistência de comportamentos e verbalizações, e habilidade na resolução de problemas. A subescala de Adaptação familiar com 13 questões, avalia a ausência de sentimentos e comportamentos negativos em relação à família, como raiva, incompREENsão e competitividade entre os familiares. Já a subescala de Autonomia familiar com 8 questões, avalia a percepção do indivíduo sobre o nível de autonomia dentro da família, incluindo confiança, privacidade e liberdade nas relações familiares. Quanto maior a pontuação, melhor é a percepção de suporte familiar (Baptista, 2009).

Os dados coletados foram tabulados no software IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 27.0. Inicialmente, após testagem da normalidade da amostra com o teste de Kolmogorov-Smirnov, foram realizadas as análises descritivas de frequência (N), percentagem (%), média (Me), desvio-padrão (DP), mediana (Md) e amplitude interquartil (IIQ). Análises inferenciais foram realizadas com o teste de Mann-Whitney para as variáveis dicotômicas, e o teste de Kruskal Wallis para variáveis com mais de duas categorias, para comparar as categorias das variáveis com os escores identificados pelo IPSF. A correlação de Spearman foi utilizada para avaliar os escores entre o IPSF com o DASS-21, adotando os critérios de classificação de correlação: <0,30 como fraca; <0,50 moderada e acima desse valor como alta correlação. Cabe ressaltar que valores muito próximos de um não são muito interessantes nas análises de correlação, pois podem inferir alto grau de multicolinearidade entre as variáveis. Em todos os testes foi adotado um nível de significância de 5%.

3 RESULTADOS

Participaram 221 responsáveis por crianças/adolescentes com TEA. A amostra foi majoritariamente de mães (n=209 / 94,6%) das crianças/adolescentes com idade média de 37,4 anos (DP±7,53). Dos 162 participantes (57,0%) que relataram profissão/trabalho, pouco mais da metade (n=84 / 51,5%) estavam desempregados ou desempenhavam atividade “do lar”.

A idade das crianças/adolescentes com TEA variou de três a 17 anos, com mediana de sete anos (IIQ: 9-4), sendo que 72,9% eram do sexo masculino (n=161) e 27,9% feminino (n=60). Em relação à série escolar, 48 crianças frequentavam o ensino infantil (27,3%), 116 o ensino fundamental (65,9%) e 12 adolescentes o ensino médio (6,8%). Das 192 respostas válidas (67,1%), 97 (50,5%) indivíduos apresentavam nível de suporte leve, 71 (37,0%) suporte moderado e 24 (12,5%) suporte grave. A maioria das crianças não apresentava nenhum tipo de malformação ou doença genética associada ao diagnóstico de TEA (n=191 / 95,5%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas de pais de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA (N=221).

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	12	5,4
Feminino	209	94,6
Cor/ etnia autodeclarada		
Branca/ caucasiana	53	23,1
Preta/ negra	30	13,6
Amarela/ oriental	03	1,4
Parda/morena	137	62,0
Grau de formação		
Ensino fundamental	21	11,9
Ensino médio	94	53,4
Ensino superior	36	20,5
Pós-graduação	25	14,2
Renda total da família		
Até um salário-mínimo	130	60,7
De dois a três salários	63	29,5
Acima de três salários	21	9,8
Estado civil		
Casado	112	63,6
Solteiro	64	36,4

Fonte: Autores.

O IPSF foi respondido por 47,1% da amostra (n=104), o valor da mediana do escore geral foi de 58 (IIQ:69-44) e os fatores afetivo-consistente, adaptação e autonomia familiar foram respectivamente 26 (IIQ:31-18); 19 (IIQ: 23-16) e 12 (IIQ: 14-9). (Tabela 2).

Tabela 2 – Classificação dos fatores avaliados pelo Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) em cuidadores de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA (N=104).

IPSF	N	%
Fator afetivo-consistente		
Baixo	41	39,8
Médio Baixo	21	20,4
Médio alto	15	14,6
Alto	26	25,2
Fator adaptação familiar		
Baixo	45	43,7
Médio Baixo	16	15,5
Médio alto	15	14,6
Alto	27	26,2
Fator autonomia familiar		
Baixo	47	45,6
Médio Baixo	21	20,4
Médio alto	21	20,4
Alto	14	13,6

Fonte: Autores.

O suporte familiar autopercebido foi associado com a renda total familiar e os níveis de ansiedade, depressão e estresse. A cor/etnia foi associada apenas com o fator autonomia familiar. Os valores estão na Tabela 3.

Tabela 3 – Associação entre o score geral e os fatores do Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) com as características e níveis de sinais de depressão, ansiedade e estresse em cuidadores de crianças e adolescentes com TEA (N=184).

Variáveis	Afetivo-consistente	Fatores	Adaptação familiar	Autonomia familiar	Score geral
Sexo	0,829		0,187	0,161	0,329
Cor/etnia	0,648		0,281	0,018*	0,431
Grau de formação	0,171		0,265	0,770	0,243
Renda total familiar	0,034*		0,011*	0,584	0,037*
Estado civil	0,817		0,373	0,829	0,787
Nível de suporte do TEA	0,702		0,242	0,312	0,963
Sexo da criança	0,445		0,453	0,265	0,464
Sinais de Depressão	0,010*		0,021*	0,076	0,004*
Sinais de Ansiedade	0,060		0,002*	0,005*	0,007*
Sinais de Estresse	0,032*		0,027*	0,306	0,040*

Legenda: *Associação estatística significante ($p<0,05$) com teste de Mann-Whitney ou Kruskal Wallis.

Fonte: Autores.

Observou-se uma correlação entre os resultados do DASS-21 e do IPSF, apresentando associação estatística inversamente proporcional ($\rho = -0,326$; $p<0,001$). A depressão foi o sintoma com o maior coeficiente de correlação com o escore geral do IPSF ($\rho = -0,340$; $p<0,001$), e os fatores afetivo-consistente ($\rho = -0,301$; $p=0,002$), adaptação familiar ($\rho = -0,312$; $p=0,001$) e autonomia familiar ($\rho = -0,254$; $p<0,001$) (Tabela 4).

Tabela 4 – Correlação entre as variáveis aferidas pelo Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS-21) e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) em cuidadores de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA (N=184).

	IPSF	Afetivo	Adaptação	Autonomia	Ansiedade	Depressão	Estresse	DASS
Score geral do IPSF	0,935**	0,715**	0,741**	-,278**	-,340**	-,239*	-,326**	
Fator Afetivo-consistente	0,935**	0,542**	0,581**	-,225*	-,302**	-,189	-,292**	
Fator Adaptação familiar	0,715**	0,542**	0,342**	-,304**	-,312**	-,239*	-,346**	
Fator Autonomia familiar	0,741**	0,581**	0,342**	-,275**	-,254*	-,209*	-,276**	
Ansiedade	-,278**	-,225*	-,304**	-,275**	0,756**	0,712**	0,861**	
Depressão	-,340**	-,302**	-,312**	-,254*	0,756**	0,779**	0,897**	
Estresse	-,239*	-,189	-,239*	-,209*	0,712**	0,779**	0,855**	
Score geral do DASS-21	-,326**	-,292**	-,346**	-,276**	0,861**	0,897**	0,855**	

* p - valor $\leq 0,050$ ** p -valor $<0,001$.

Fonte: Autores.

4 DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo indicam que existe relação entre o suporte familiar autopercebido e a saúde mental em cuidadores de indivíduos com autismo. A análise mostrou uma demonstração inversamente proporcional entre o IPSF e o DASS-21, quanto maior o suporte familiar percebido, menores são os níveis de sinais de ansiedade, depressão e estresse nos cuidadores. A

depressão apresentou maior manifestação negativa com o escore geral do IPSF ($\rho = -0,340$; $p < 0,001$), demonstrando que os cuidadores com maior percepção de apoio familiar tendem a ter menos sintomas depressivos. Fatores específicos como consistência afetiva ($\rho = -0,301$; $p = 0,002$), adaptação familiar ($\rho = -0,312$; $p = 0,001$) e autonomia familiar ($\rho = -0,254$; $p < 0,001$) também se correlacionaram significativamente com os sinais.

Um estudo que utilizou o IPSF revelou que 66,7% das mulheres do Grupo Sem Estresse (GSE) relataram altos níveis de suporte familiar, em comparação com 52,4% do Grupo Com Estresse (GCE). Mães sem estresse tiveram maiores médias no IPSF ($M=78,00$) do que aquelas com estresse ($M=62,00$), indicando que uma melhor percepção de forma positiva do suporte familiar está associada à saúde emocional. Além disso, as mães do GSE relataram maior autonomia ($U=45,00$, $p<0,05$, $d=0,93$) e afetividade ($U=47,50$, $p<0,05$, $d=0,85$), sentem-se valorizadas e experimentam relações afetivas saudáveis no ambiente familiar. Essas relações familiares que incluem afeto, apoio e autonomia são primordiais para a saúde mental de pais de indivíduos com TEA (Desiningrum, Suminar, & Surjaningrum, 2019).

Segundo a pesquisa de meta-análise conduzida com 9.208 pais de crianças autistas, revelando que 33% deles apresentaram sintomas clínicos de depressão, 10% de transtornos de ansiedade e 4% de transtorno obsessivo-compulsivo. O estudo destaca que a necessidade contínua de cuidar de uma criança autista, juntamente com problemas educacionais e estigmas sociais, representa um estressor, o que pode favorecer o desenvolvimento de transtornos afetivos e de humor em indivíduos predispostos (Schnabel et al., 2020).

É necessário destacar que os pais de indivíduos com TEA enfrentam reações psíquicas adversas, que abrange sinais e sintomas depressivos e baixos níveis de apoio afetivo, adaptação familiar e autonomia, no que pode resultar em uma sensação de falta de suporte emocional em suas demandas diárias (Hickey, Hartley, & Papp, 2019; Alibekova et al., 2022). Essa carência de carinho, validação e apoio emocional no contexto familiar agrava o estresse e o mal-estar emocional dos pais, ressaltando a urgente necessidade de intervenções que promovam um ambiente familiar acolhedor, consistente e favorável ao bem-estar emocional (Ault et al., 2021).

Em relação aos resultados sociodemográficos da amostra foi evidente que 94,6% dos cuidadores eram mulheres, (Melo & Mosmann, 2023) o que está em consonância com outros estudos realizados no Brasil, que apontam as mães como as principais cuidadoras de crianças com TEA, essas mães, com idade a partir de 31 anos, casadas e donas de casa, são responsáveis pelo acompanhamento das terapias de seus filhos, com quem têm uma convivência considerada boa ou muito boa. Muitas delas deixam de participar de atividades de lazer para se dedicar ao cuidado dos filhos (Carvalho et al.,

2024). Já no estudo realizado em 2024, que investigou as experiências de mães de crianças autistas durante a pandemia de Covid-19, as mães assumiram múltiplas demandas de cuidado, enfrentou desafios significativos, como a sobrecarga emocional e a falta de apoio institucional (Reis & Rodrigues, 2024). Esse cenário reflete a sobrecarga de responsabilidades enfrentada pelas mães (Faro et al., 2019).

A relação entre suporte familiar, condições socioeconômicas e o estado emocional dos pais de indivíduos com TEA é abordada de maneira complementar nas pesquisas que revelam que famílias com melhores condições financeiras tendem a experimentar suporte familiar funcional e menores níveis de sofrimento psicológico, enquanto famílias com baixa renda enfrentam maiores desafios, amplificando o estresse, a ansiedade e a depressão (Yorke et al., 2018; Drogomyretska, Fox, & Colbert, 2020; Lu et al., 2021).

Um estudo revelou que os pais relataram níveis moderados a baixos níveis de suporte familiar e Qualidade de Vida Familiar (FQOL), além de altos níveis de estresse parental. O apoio familiar teve um impacto positivo direto no FQOL ($\beta = 0,54$) e um efeito indireto através do estresse parental ($\beta = 0,06$), indicando que o suporte familiar pode diminuir o estresse e melhorar a qualidade de vida dos pais, especialmente em contextos de dificuldades financeiras (Zeng, Hu, Zhao, & Stone-MacDonald, 2019).

No que se refere à renda familiar, mais da metade dos participantes apresentavam um nível de renda baixo. Essa condição é crucial, pois pode dificultar o acesso a recursos, terapias e serviços privados que são essenciais para o desenvolvimento de crianças com TEA (Rosa, Silva, & Sousa, 2021). Além disso, uma renda familiar reduzida pode ser um obstáculo na contratação de cuidadores, o que poderia evitar a sobrecarga dos cuidadores (Smith et al., 2020).

Além disso, pais de crianças com TEA enfrentam desafios que afetam diretamente a sua empregabilidade e produtividade no trabalho. Em um estudo conduzido com 1.461 famílias (564 com TEA), observou-se que pais de crianças com TEA tinham significativamente menor probabilidade de estar empregados, em comparação com pais de jovens com asma e do grupo controle (OR: 14,2, $p < 0,001$) (Lynch et al., 2022). Esses resultados sugerem que a sobrecarga das tarefas relacionadas ao cuidado pode gerar dificuldades tanto no ambiente familiar quanto no profissional com relação ao absenteísmo no trabalho, diminuição da produtividade e até mesmo problemas de saúde mental (Lynch et al., 2022). As dificuldades financeiras também desempenham um papel importante, já que muitos pais enfrentam dificuldades para pagar por tratamentos e terapias, o que aumenta o estresse e compromete ainda mais o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional (Carvalho et al., 2024).

Esse suporte familiar, relevante para aliviar o impacto emocional das demandas do cuidado com crianças autistas, (Marques & Dixe, 2011) se alinha aos achados do estudo em que os sintomas de indivíduos com TEA foram positivamente associados a sintomas depressivos e ansiosos dos pais (Nicolau, Calais, & Cardoso, 2024). Essas associações foram mediadas por preocupações futuras, estresse parental, conflitos conjugais e pressão econômica, destacando como o ambiente familiar e as questões financeiras influenciam a saúde mental dos pais (Chan, Lam, Law, & Cheung, 2018).

Esses dados remetem à reflexão sobre as relações conjugais, parentais e coparentais que existem nessas famílias. Ademais, há os casos em que a carga psicológica gerada aos pais os faz escolher o caminho do divórcio, o que afeta o grupo familiar e a criança com TEA (Bonfim et al., 2023). Assim, o suporte familiar atua como um mediador fundamental para reduzir o sofrimento parental, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, impactando diretamente o bem-estar psicológico (Wang, Wang, Chang, & Wang, 2022).

Famílias de indivíduos autistas em grupos étnicos minoritários, como afro-americanos e hispânicos, enfrentam barreiras que incluem discriminação, menor acesso a serviços de saúde e suporte especializado (Paula et al., 2020). No Brasil, famílias de indivíduos autistas pertencentes a grupos étnicos minoritários, como negros e indígenas, a discriminação racial e o preconceito exacerbaram as dificuldades já presentes na busca por diagnóstico e tratamento adequado para o TEA, esses desafios significativos podem impactar sua autonomia familiar (Garcia & Lucas, 2022). Essa autonomia, que envolve tomar decisões de maneira independente e gerenciar as necessidades da pessoa autista, pode ser limitada em contextos em que os recursos e o suporte externo são escassos (Kim, Dababnah, & Lee, 2020).

No entanto, essas famílias desenvolvem mecanismos internos de resiliência e coesão, os quais ajudam a fortalecer a autonomia familiar, mesmo em meio a dificuldades estruturais (Benevides, Lee, Nwosu, & Franks, 2019). Os laços familiares fortes e o apoio da comunidade podem diminuir a falta de suporte institucional, permitindo que essas famílias descubram maneiras criativas de lidar com o sofrimento emocional e promover o bem-estar do indivíduo com TEA (Machalicek et al., 2022).

A ausência de autonomia pode criar uma sensação de perda de controle e ineficiência, assim, esses pais se sentem incapazes de tomar decisões ou implementar mudanças na vida, o que leva a experimentar um aumento no estresse, sensação de impotência ou intensificar sentimentos de desesperança e desamparo (Lee, Terol, Yoon, & Meadan, 2023). Além disso, uma baixa adaptação familiar pode resultar em um ambiente estressor e instável. Quando uma família não consegue se adaptar às mudanças ou lidar com o diagnóstico da pessoa com TEA, pode elevar o nível de estresse e intensificar sentimento de frustração e impotência. Essa falta de flexibilidade e capacidade de

adaptação pode levar a uma sensação de sobrecarga e ao agravamento dos sinais depressivos (Meleady, Nearchou, Bramham, & Carr, 2020).

Contudo, o apoio familiar e social desempenha um papel importante na saúde emocional dos pais de indivíduos com TEA (Lei & Kantor, 2021). Amigos, familiares e grupos de apoio, podem oferecer uma rede de proteção e cuidado que ajuda a reduzir o estresse e a sobrecarga física e emocional. Este tipo de apoio não apenas fornece um espaço para a troca de experiências e estratégias de enfrentamento, mas também fortalece a resiliência dos pais, promovendo uma sensação de compreensão e empatia (Khusaifan & Keshky, 2020). Outro fator relevante é a colaboração entre parceiros e a inclusão de familiares no cuidado desse indivíduo, pode aliviar as responsabilidades e aumentar a coesão familiar. Promover e valorizar o apoio social e familiar é indispensável para saúde mental e bem-estar psicológico dos pais (Bromley, Hare, Davison, & Emerson, 2004; Ma et al., 2021)

No entanto, é importante destacar que o estudo apresentou algumas limitações, o DASS-21 oferece apenas sinais de sofrimento emocional, o que sugere que a avaliação deve ser mais aprofundada para entender melhor as dificuldades emocionais enfrentadas pelos pais. Ressalta-se a importância de desenvolver instrumentos específicos para o contexto da parentalidade de indivíduos com TEA e investigar quais melhores estratégias de enfrentamento podem auxiliar esses pais no cuidado de seus filhos.

Este estudo demonstrou a correlação entre o suporte familiar autopercebido e a saúde mental dos cuidadores de crianças e adolescentes com TEA. A maioria dos cuidadores são mães, refletindo um padrão comum de que as mulheres assumem a maior parte das responsabilidades. Os dados revelaram altos níveis de estresse, ansiedade e depressão entre esses cuidadores, acentuado por dificuldades financeiras e falta de suporte familiar autopercebido. É necessário destacar a importância da rede de apoio social e familiar como um fator protetor contra o adoecimento emocional. Compreender os desafios enfrentados por esses cuidadores é relevante para desenvolver estratégias que promovam seu bem-estar psicológico e a qualidade de vida familiar.

REFERÊNCIAS

- BOZKURT, G.; UYSAL, G.; DÜZKAYA, D. S. Examination of care burden and stress coping styles of parents of children with autism spectrum disorder. *Journal of Pediatric Nursing*, v. 47, p. 142–147, 2019. doi:10.1016/j.pedn.2019.05.005.
- ALNAZLY, E. K.; ABOJEDI, A. Psychological distress and perceived burden in caregivers of persons with autism spectrum disorder. *Psychiatric Care*, 2019. doi:10.1111/ppc.12356.
- TSUJI, K.; TAKEUCHI, M. Investigating gender differences in the early markers of autism spectrum conditions (ASC) in infants and toddlers. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 83, 101745, 2021. doi:10.1016/j.rasd.2021.101745.
- BORELLI, J. L.; NELSON, S. K.; RIVER, L. M.; BIRKEN, S. A.; MOSS-RACUSIN, C. Gender differences in work-family guilt in parents of young children. *Sex Roles*, v. 76, n. 5–6, p. 356–368, 2017. doi:10.1007/s11199-016-0579-0.
- PERRY, A.; DAVIS, S. Raising children with autism: The role of adaptive strategies and coping mechanisms. *Journal of Child and Family Studies*, v. 31, n. 6, p. 1480–1493, 2022. doi:10.1007/s10826-022-02197-5.
- CHAN, K. K. S.; LEUNG, D. C. K. The impact of child autism symptoms on parental marital relationships: Parenting and coparenting processes as mediating mechanisms. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 2020. doi:10.1590/1982-0275202037e190143.
- MARSACK-TOPOLEWSKI, C. N.; CHURCH, H. L. Impact of caregiver burden on quality of life for parents of adult children with autism spectrum disorder. *American Journal of Intellectual and Developmental Disabilities*, v. 124, n. 2, 2019. doi:10.1944-755-124.
- BUJNOWSKA, A.; RODRÍGUEZ, C.; GARCÍA, T.; ARECES, D.; MARSH, N. Parenting and future anxiety: The impact of having a child with developmental disabilities. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 16, 2019. doi:10.3390/ijerph16040668.
- ALSUHAIBANI, S. Burden of family and children with autism spectrum disorders: perspective of caregivers. *International Journal of Medical and Health Sciences*, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/3pfYtcbXMZxHhHFNFpwWHP/?format=pdf>.
- ZAIDMAN-ZAIT, A.; et al. Os efeitos do estresse financeiro e da dinâmica familiar em cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 52, 2022. doi:10.1007/s10803-021-04986-5.
- WANG, Z.; WANG, L.; CHANG, S.; WANG, H. The mediating effect of parenting stress on the relationship between social support and quality of life in parents of children with autism spectrum disorder: A meta-analytic structural equation modeling. *Frontiers in Psychiatry*, v. 13, 2022. doi:10.3389/fpsyg.2022.875145.
- MARSACK-TOPOLEWSKI, C. N.; CHURCH, H. L. Estresse e resiliência em pais de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. *Journal of Family Social Work*, v. 22, 2019. doi:10.1080/10522158.2019.1628495.

VIGNOLA, R. C.; TUCCI, A. M. Adaptação e validação da escala de depressão, ansiedade e estresse (DASS) para o português brasileiro. *Journal of Affective Disorders*, v. 155, p. 104–109, 2014. doi:10.1016/j.jad.2013.10.009.

BAPTISTA, M. N. Inventário de Percepção do Suporte Familiar (IPSF): Estudo componencial em duas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, p. 204–216, 2009.

DESININGRUM, D.; SUMINAR, D.; SURJANINGRUM, E. Psychological well-being among mothers of children with autism spectrum disorder: The role of family function. *Humanitas: Revista de Psicologia da Indonésia*, v. 16, n. 2, p. 109–117, 2019. doi:10.265/h.v16i2.10981.

SCHNABEL, A.; YOUSSEF, G.; HALLFORD, D.; HARTLEY, E.; MCGILLIVRAY, J.; STEWART, M.; FORBES, D.; AUSTIN, D. Psychopathology in parents of children with autism spectrum disorder: A systematic review and meta-analysis of prevalence. *Autism*, v. 24, n. 1, p. 1–19, 2020. doi:10.136236131.

HICKEY, E.; HARTLEY, S.; PAPP, L. Psychological well-being and parent-child relationship quality in relation to child autism: An actor-partner modeling approach. *Family Process*, v. 58, n. 4, p. 987–999, 2019. doi:10.1111/famp.12432.

ALIBEKOVA, R.; CHAN, K. C.; CRAPE, B.; KADYRZHANULY, K.; GUSMANOV, A.; AN, S.; BULEKBAYEVA, S.; AKHMETZHANOVA, Z.; AINABEKOVA, A.; YERUBAYEV, Z.; YESSIMKULOVA, F.; BEKISHEVA, A.; OSPANOVA, Z.; RAKHIMOVA, M. Stress, anxiety and depression in parents of children with autism spectrum disorders in Kazakhstan: Prevalence and associated factors. *Global Mental Health*, v. 9, 2022. Disponível em: <https://doaj.org/article/23477507c14b4534a993cb427ebb73cb>.

AULT, S.; BREITENSTEIN, S.; TUCKER, S.; HAVERCAMP, S.; FORD, J. Caregivers of children with autism spectrum disorder in rural areas: A literature review of mental health and social support. *Journal of Pediatric Nursing*, v. 61, p. 22–30, 2021. doi:10.1016/j.pedn.2021.06.009.

MELO, T. C.; MOSMANN, C. P. Sociodemographic, labor and clinical aspects of families with children with ASD. *Revista Educação Especial*, v. 36, n. 1, e67795, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/67795/62251>.

CARVALHO, F. S. S.; SANTOS, J. C. dos; FRANCO, V. R.; ARAÚJO, M. M. M. de A.; MORAES FILHO, I. M. de. Características sociodemográficas de mães/pais de crianças com autismo, cuidados e tratamento realizado: uma análise exploratória. *Revista Brasileira de Psicologia da Saúde*, v. 26, n. 1, e40751, 2024. doi:10.1590/rbps.40751.

REIS, G. F. dos; RODRIGUES, L. Narrativas de mães de crianças autistas sobre possibilidades e desafios do cuidado durante a pandemia de Covid-19. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 34, e34097, 2024. doi:10.1590/S0103-7331202434097pt.

FARO, K. C. A.; et al. Autism and mothers with and without stress: analysis of maternal burden and familiar support. *Psico*, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/30080/pdf>.

YORKE, I.; WHITE, P.; WESTON, A.; RAFLA, M.; CHARMAN, T.; SIMONOFF, E. The association between emotional and behavioral problems in children with autism spectrum disorder and psychological distress in their parents: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 48, p. 339–352, 2018. doi:10.1007/s10803-018-360-e.

DROGOMYRETSKA, K.; FOX, R.; COLBERT, D. Brief report: stress and perceived social support in parents of children with ASD. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2020, p. 1–6. doi:10.1007/s10803-020-04455-x.

LU, M.; CHEN, J.; HE, W.; PANG, F.; ZOU, Y. Association between perceived social support of parents and emotional/behavioral problems in children with ASD: a chain mediation model. *Research in Developmental Disabilities*, v. 113, 103928, 2021. doi:10.1016/j.ridd.2021.103928.

ZENG, S.; HU, X.; ZHAO, H.; STONE-MACDONALD, A. Examining the relationships of parental stress, family support and family quality of life: a structural equation modeling approach. *Research in Developmental Disabilities*, v. 96, 103523, 2019. doi:10.1016/j.ridd.2019.103523.

ROSA, N. M.; SILVA, A. S.; SOUSA, F. S. Perfil sociodemográfico de famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista em Sobral, Ceará. *Sanare (Sobral)*, v. 20, n. 2, e1436, 2021. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1436>.

SMITH, K.; GEHRICKE, J.; IADAROLA, S.; WOLFE, A.; KUHLTHAU, K. Disparities in service use among children with autism: a systematic review. *Pediatrics*, v. 145, 2020. doi:10.1542/peds.2019-1895G.

LYNCH, F.; BULKLEY, J.; VARGA, A.; CRAWFORD, P.; CROEN, L.; DAIDA, Y.; FOMBONNE, E.; HATCH, B.; MASSOLO, M.; DICKERSON, J. The impact of autism spectrum disorder on parents' employment: findings from the r-Kids study. *Autism Research*, v. 16, p. 301–309, 2022. doi:10.1002/aur.2882.

MARQUES, M. H.; DIXE, M. dos A. R. Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. *Arch Clin Psychiatry (São Paulo)*, v. 38, n. 2, p. 66–70, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000200005>.

NICOLAU, C. F. S.; CALAIS, S. L.; CARDOSO, H. F. Saúde emocional de pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista: sobrecarga e enfrentamento. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia Educacional*, v. 25, e024010, 2024. doi:10.30715/doxa.v25i00.19427. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/19427>.

CHAN, K.; LAM, C.; LAW, N.; CHEUNG, R. From infant autism symptoms to parental affective symptoms: A family process model. *Research in Developmental Disabilities*, v. 75, p. 1–9, 2018. doi:10.1016/j.ridd.2018.02.005.

BONFIM, T. A.; GIACON-ARRUDA, B. C. C.; GALERA, S. A. F.; TESTON, E. F.; NASCIMENTO, F. G. P.; MARCHETI, M. A. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 31, e3781, 2023. doi:10.1590/1518-8345.5694.3781.

WANG, Z.; WANG, L.; CHANG, S.; WANG, H. The mediating effect of parenting stress on the relationship between social support and quality of life in parents of children with autism spectrum disorder: a meta-analytic structural equation modeling. *Frontiers in Psychiatry*, v. 13, 713620, 2022. doi:10.3389/fpsyg.2022.713620.

PAULA, C. S.; CUKIER, S.; CUNHA, G. R.; IRARRÁZVAL, M.; MONTIEL-NAVA, C.; GARCIA, R.; et al. Challenges, priorities, barriers to care, and stigma in families of people with autism: Similarities and differences among six Latin American countries. *Autism*, 2020, p. 1–15. doi:10.1177/1362361320940073.

GARCIA, V. R.; LUCAS, P. J. Capacitismo e racismo: uma abordagem interseccional. In: Anais do VIII Simpósio Internacional Desigualdades, Direitos e Políticas Públicas: Novos Ativismos e Protagonistas na Reinvenção da Solidariedade Social. Porto Alegre-RS: Unisinos, 2022. p. 1125. Disponível em: <[Capacitismo-e-racismo-uma-abordagem-interseccional-no-diagn%C3%A9stico-tardio-do-autismo.pdf](https://www.unisinos.br/sites/default/files/2022-08/Anais%20do%20VIII%20Simp%C3%B3sio%20Internacional%20Desigualdades,%20Direitos%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%BCblicas%20-%20Novos%20Ativismos%20e%20Protagonistas%20na%20Reinven%C3%A7%C3%A3o%20da%20Solidariedade%20Social.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2024.

KIM, I.; DABABNAH, S.; LEE, J. A influência da raça e etnia na relação entre resiliência familiar e estresse parental em cuidadores de crianças com autismo. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 50, 2020. doi:10.1007/s10803-019-0426-6.

BENEVIDES, T.; LEE, J.; NWOSU, N.; FRANKS, J. Compreendendo o impacto familiar do transtorno do espectro autista em uma amostra racial e etnicamente diversa: descobertas da pesquisa nacional de crianças com necessidades especiais de saúde. *Maternal and Child Health Journal*, v. 23, 2019. doi:10.1007/s10995-018-0270-x.

MACHALICEK, W.; GLUGATCH, L.; ERTURK, B.; BRAFFORD, T.; KUNZE, M.; DREW, C.; et al. Recomendações para diversificar a representação racial e étnica na pesquisa de intervenção do autismo: Uma revisão cruzada de práticas de recrutamento e retenção em saúde mental pediátrica. *Journal of Clinical Medicine*, v. 11, 2022. doi:10.3390/jcm11020588.

LEE, J.; TEROL, A.; YOON, C.; MEADAN, H. Apoio de pais para pais entre pais de crianças com autismo: Uma revisão da literatura. *Autism*, v. 27, n. 1, p. 1–12, 2023.
doi:10.1177/13623613221106713.

MELEADY, J.; NEARHOU, F.; BRAMHAM, J.; CARR, A. Adaptação familiar entre pais de crianças no espectro do autismo sem deficiência intelectual comórbida: Um teste do modelo ABCX duplo. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 78, 101598, 2020.
doi:10.1016/j.rasd.2020.101598.

LEI, X.; KANTOR, J. Apoio social e funcionamento familiar em famílias chinesas de crianças com transtorno do espectro autista. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 7, 3704, 2021. doi:10.3390/ijerph18073704.

KHUSAIFAN, S.; KESHKY, M. Apoio social como fator de proteção para o bem-estar de pais de crianças com autismo na Arábia Saudita. *Journal of Pediatric Nursing*, v. 54, p. 31-37, 2020. doi:10.1016/j.pedn.2020.04.002.

BROMLEY, J.; HARE, D.; DAVISON, K.; EMERSON, E. Mães apoioando crianças com transtornos do espectro autista. *Autism*, v. 8, n. 4, p. 379–394, 2004. doi:10.1177/1362361304047226.

MA, Y.; ZHOU, Y.; LIU, Y.; PING, Y.; WANG, Y.; HU, X.; et al. Urgência em melhorar a conscientização e o conhecimento dos profissionais de saúde infantil sobre o TEA: descobertas de um estudo transversal no sudoeste da China. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, 615556, 2021. doi:10.3389/fpsyg.2021.615556.